

A Porta do Céu

Marcia Queiroz S. Baccelli

A Porta do Céu

Marcia Queiroz S. Baccelli



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baccelli, Márcia Q. Silva.

B116p A Porta do Céu / Márcia Q. Silva Baccelli 3ª ed. - São Paulo -
Ideal, 2011.

64 p.

ISBN 978-85-62674-14-3

1. Literatura infanto-juvenil - I. Título.

87-0584

CDD-028.5

Índices para o Catálogo Sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

GRUPO DE IDEAL ESPÍRITA ANDRÉ LUIZ

CNPJ. 64.724.180/0003-70

Rua Lord Cockrane, 594 - Ipiranga

São Paulo, SP - 04213-002

ISBN: 978-85-62674-14-3

3ª edição - Abril de 2011 - de 3.000 a 4.500 exemplares

Opiniões de Amigo

Carada Mária,

Muito fiato por sou se lembrou
deste seu servidor reconhecido para
conhecer as páginas do seu livro
'A Porta do Céu':

Trata-se de um conto de ex-
põemida beleza, não só pela estrutura,
como também pelo tema enteneecedor.

Li o seu belo trabalho e pro-
curi relê-lo com atenção e creio que
o feito emocionante da história está
muito bem apresentado. Fiz a leitura
na condição de adulto e imaginei-me
clando igualmente as ms. páginas na con-
dição de criança, como sendo-me profun-
damente em ambas as posições mas
quais me coloco.

Penso que o conto, lançado com
as ilustrações respectivas também para
um apelo excelente para os contos
nos nos Cultos Evangélicos nos Laros,
quando tantas mães e pais desejam
conduzir os filhos para a solidariedade
e para a compreensão.

Observe que o seu livro está caduc
gado a todas as crianças, notadamente
aqueles que passam a viver sem o
apoio materno.

O seu trabalho me cativou e espero
em jano, passamos vê-lo, em breve, den-
damente publicado, de qz que vejo
neste relato, não só a face do pro-
blema da criança desprotegida, mas
também um estudo poético simples
tanto, sem parecer que você abra
desejado mostrar isso.

Chico Xavier

Viterba, 30 de Agosto de 1986



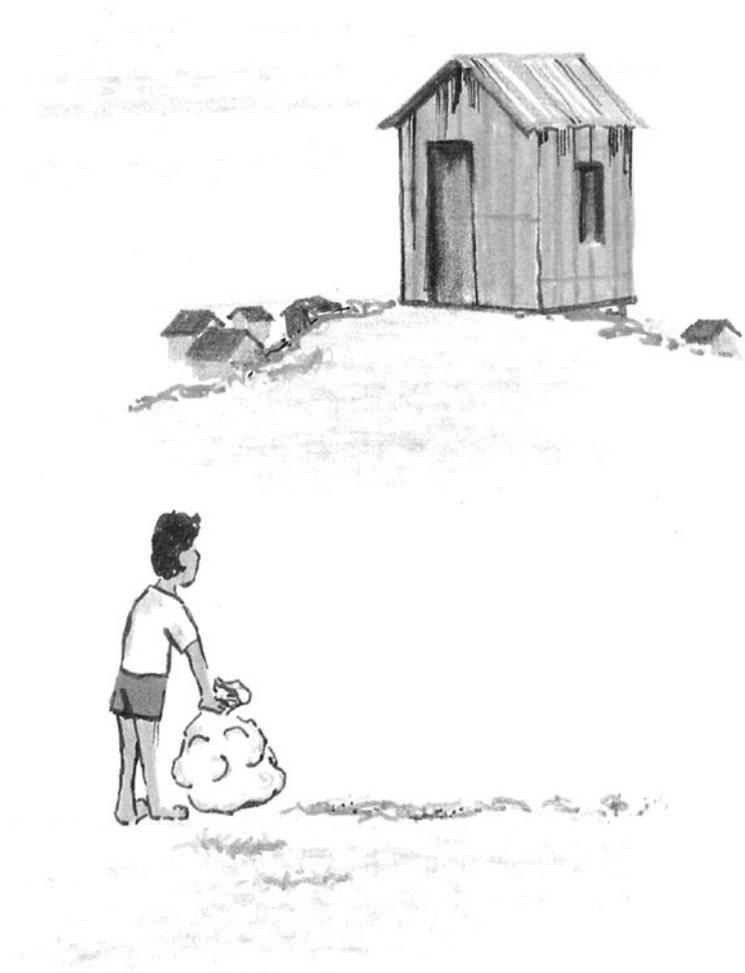
*José, uma criança triste, de pés descalços,
corpo esquelético, remexia com as mãozinhas
um depósito de lixo.*



Ele procurava latas velhas para vender, pois ajudava, com o dinheiro ganho, a mãezinha, que ficara no barraco lavando roupas para outras famílias.



Sol a pino, o menino decidiu voltar, pois ainda precisava ajudar a mãe na entrega das roupas.



O barraco onde morava ficava no alto de um morro e era bem pequeno.

O assoalho era de terra batida, com poucos móveis, velhos e quebrados. Quando chovia, ninguém dormia tranquilo, pois as goteiras eram tantas!



Ao aproximar-se de casa, José encontrou alguns meninos que também moravam no morro e logo começaram a gritar, insultando-o:

– Olhem o Zé Pretinho!...

– Vamos, turma, tomar as latas dele?!



E, antes que pudesse reagir, os garotos prenderam as suas mãos, taparam a sua boca, para que não gritasse, e facilmente surripiaram as suas latas. Além disso, deram-lhe alguns tapas...

Humilhando e chorando muito, José foi para casa.



Em lá chegando, encontrou a mãezinha, que estava arrumando a trouxa de roupa lavada.

Ao vê-lo, a senhora perguntou, aflita:

– Que aconteceu, meu filho?!

– Mãe, os meninos me bateram outra vez! E roubaram todas as minhas latas!



– Ora!... Mas não tem importância, José! Amanhã, você encontrará outras latas... Não revide as ofensas dos outros meninos, meu filho! Jesus nos ensinou a amar aqueles que não nos querem bem, porque todos somos filhos de Deus.



– Mas, mamãe, você sempre me fala em Jesus! Será que ele ama mesmo os pobres? E eu, que tenho a pele tão escura, como dizem as outras crianças, será que ele também me ama?!



– Ah, meu filho! Não fale assim! Nosso Senhor também foi pobre, nasceu numa humilde estrebaria e era filho de um carpinteiro. E ele amou todas as criaturas: os ricos e os pobres, os brancos e os negros... Mesmo assim, aceitou morrer numa cruz, como se fosse um malfeitor qualquer.



– Por que é que ele aceitou sofrer tudo isso, mãe?

– Foi por amor à humanidade. Ele veio ao mundo ensinar-nos a encontrar a Porta do Céu, para sermos felizes no seu Reino. Mas, para encontrarmos essa porta, é necessário amarmos a todas as pessoas como Ele amou. Entende o que digo?

O garotinho ouviu atento o que a mãezinha dizia, esquecendo suas mágoas, a falta de comida, os brinquedos e as roupas bonitas que não possuía, as sovas que os meninos do morro lhe aplicavam periodicamente. Mas do que isto, ele procurava fazer de tudo para ajudar e compreender a todos.



Certo dia, porém, ao retornar a casa, encontrou alguns vizinhos à porta. Entrou, desconfiado, e... que vê, então? Vê, estarrecido, a mãezinha morta, estendida na cama!

Os vizinhos diziam, para confortá-lo:

– Coitada!...

– Ela morreu de repente; foi do coração...

– José, muita calma! A sua mãe foi para o Céu!...

Ele quis gritar, chorar, mas a voz ficou presa na garganta, apenas escapando alguns soluços roucos.



Uma amiga de sua mãe ofereceu-se para ajudá-lo, pois José não tinha outros irmãos. A tristeza e desolação, contudo, lhe invadiram o coraçãozinho.



Com a escassez de alimentação, não só emagreceu, mas a bronquite passou a supliciá-lo. De quando a quando, era afrontado por acessos de tosse.

*Um só pensamento o dominava: **a mãe havia encontrado a Porta do Céu e não o havia chamado!** Ele agora iria procurar a Porta do Céu, pois tinha certeza de que iria reencontrar a mãezinha querida!*



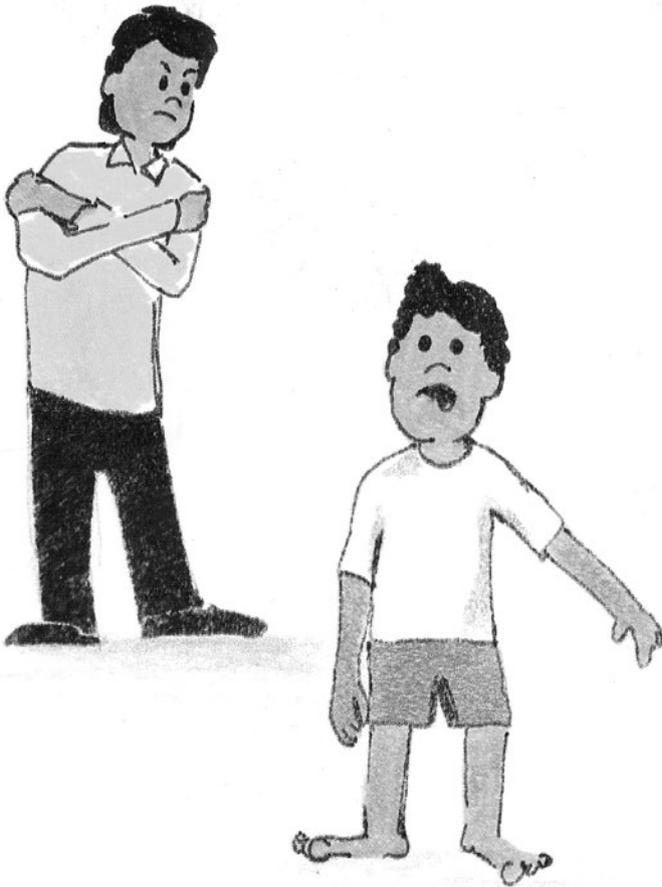
Na semana seguinte, desceu o morro e foi ao centro da cidade.



Ao longe, avistou uma casa grande com uma porta majestosa. Ele chegou mais perto e bateu. Um homem bem vestido veio atender e o menino indagou:

– Moço, é esta a Porta do Céu?... Eu estou procurando minha mãe, sabe?

*– Saia daqui, menino! – gritou o homem.
– Você deve ser um daqueles pivetes que estão por aí assaltando...*



– Não senhor! – respondeu José, envergonhado. – Eu não sou ladrão. Estou só procurando uma porta, a Porta do Céu...

– Que conversa maluca! Saia daqui, moleque! Vá procurar serviço!

Muito assustado, o garoto saiu correndo.

Sentando-se à beira da calçada, pensou:

– Onde estará essa porta?... Eu não volto para o morro enquanto não a encontrar!



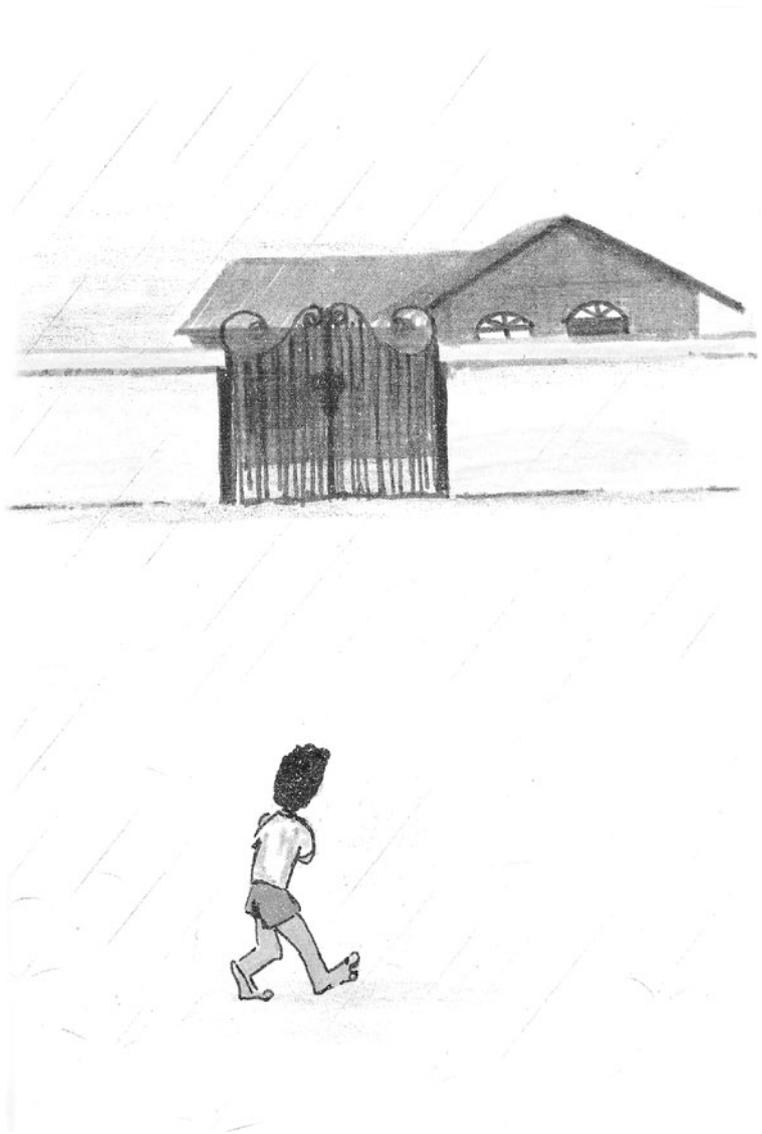
Caminhando de uma rua a outra, ia José alimentando-se do pão amanhecido que lhe deu uma senhora piedosa.



Ao anoitecer, deitado num banco de praça, com o corpo todo encolhido de frio, contemplava as estrelas e perguntava:

– Mamãe, onde está a senhora? Como é que vou encontrar a Porta do Céu?...

As lágrimas banhavam o seu rostinho.



Os dias e as noites sucediam-se, o menino enfrentando o sol e a chuva, mas sempre procurando encontrar a porta dos seus sonhos.



Uma tarde, ele avistou um portal todo desenhado e, imediatamente, bateu à porta.

Uma menina de cabelos crespos e carrancuda abriu-a:

– É aqui a casa de Jesus? Eu procuro a Porta do Céu... - aflito explicava José.

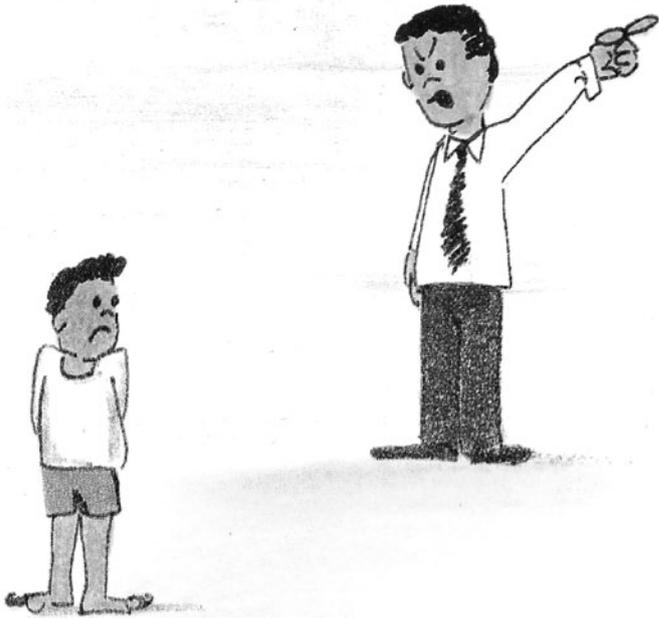


Lançando-lhe um olhar de menosprezo, a garota respondeu:

– Ah, sim! Para encontrar a Porta do Céu, você tem que viajar numa nave espacial... Jesus é um astronauta que eu não conheço, sabe, menino?...

E, rindo muito, acrescentou:

– Vá-se embora, pretinho sujo, senão meu cachorro Malhado pega você!



Na manhã seguinte, o menino viu entreaberta, noutra casa, uma porta talhada em lindos arabescos. Através dela, ele podia ver muitos jovens trajados com vestidos brilhantes.

A música era vibrante e ele ainda pode perceber uma mesa repleta de apetitosos doces e salgados.

– Ah, que fome! – pensou José, que havia dias não se alimentava. Então surgiu um homem alto que gritou para o menino:

– Ei, você! Retire-se! Não vê que estamos em festa? Fora daqui!

– Eu só estou procurando a Porta do Céu, moço!...

O homem não quis nem ouvi-lo e bateu a porta com estrondo.



Transcorrido algum tempo, sobre o manto estrelado da noite, sentindo-se muito fraco e doente, José parou perto de uma valeta de esgoto, em busca de abrigo, porque caía uma chuva fininha e soprava um vento gelado!

Tossindo muito e quase sem parar, logo percebeu um fio de sangue que escorria de seus lábios...

Desejou caminhar, pedir socorro, mas as pernas não lhe obedeceram mais...



Um suave torpor tomou conta de todo o seu corpo e ele começou a sentir-se muito leve, flutuando em pleno espaço.

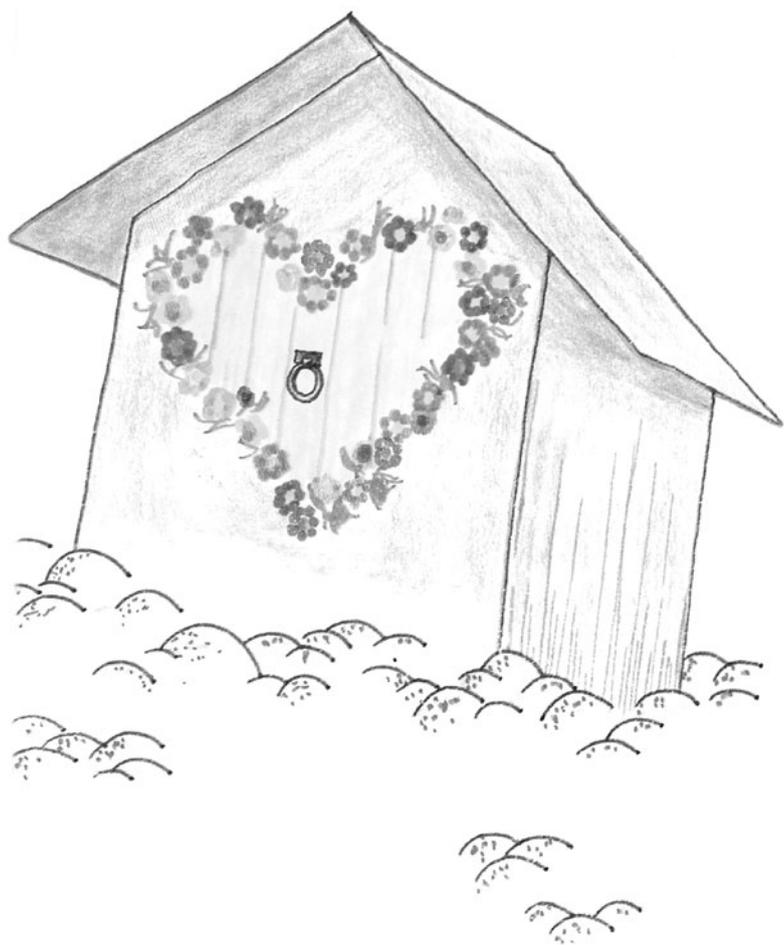


Então, ouviu vozes cristalinas que cantavam:

*“Vem, José, conosco, agora.
Eis chegado o Grande Dia!
Após a noite de dor,
Rebrilha o sol da alegria.*

*Aqui é o nosso refúgio
De esperança, amor e luz,
Nosso cantinho de paz
Preparado por Jesus.*

*Vem, José, conosco, agora.
Terminou a longa espera!
No Lar da Eterna União,
Tudo é sempre primavera.”*



O menino sorria e chorava de tanta felicidade! Foi aí que, bem perto enxergou uma casinha simples, tendo uma porta de flores em formato de coração.

À medida que ele se aproximava, as flores se entreabriram e eis que viu a querida mãezinha de braços estendidos, chamando-o para seu colo.



E novamente ouviu linda e inesquecível melodia.

*“Amigo, não chores mais.
Acabou-se a solidão!
A porta que procuravas
Abriu-se em teu coração”*



Assim que o dia clareou, alguém que transitava pela rua quase deserta encontrou, naquela valeta, um corpo pequenino e já inerte. Então, esse alguém, murmurou como quem lança uma queixa:

– Que triste sorte! É mais uma criança morta!...

Fim

